

INVICTA CINE

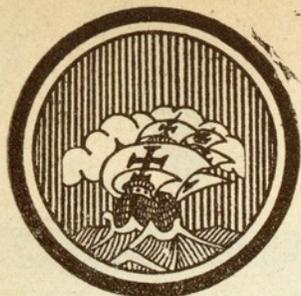
SEMANARIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA



N.º 160 - AÑO IX

JEANNE HELBLING

50 CENTAVOS



Invicta Cine

SEMANARIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA

«SINGRANDO CONTRA
TODAS AS PROCFLAS»

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DE:
ROBERTO LINO
E
SOUTINHO D'OLIVEIRA
REDACITOR PRINCIPAL
ALVES COSTA
ADMINISTRADOR:
JOAQUIM TEIXEIRA
PROPRIEDADE DA
EMPRESA INVICTA-CINE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
(PROVISORIAMENTE)
RUA DAS MUSAS, 45
PORTO (Fortugal)

ANO IX
Numero 160
PORTO
12 DE MARÇO
1932

COMPOSTO E IMPRESSO NA
TIP. EMP. DIARIO DO PORTO

REDACTORES:

LISBOA: Fernando Barros
— e Aguinaldo Machado —
PARIS: Daniel Maybon, Robert
Gaillard, Geo Poirier e Maurice
— — — Hiléro — — —
NOVA-YORK: Artur Coelho
HOLLYWOOD: Olimpio Gui-
— — — lherme — — —
BERLIM: Simon Haimovici
VIENA: Fritz Miko
ROMENIA: Samuel Steinberg

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

VISITE

a NOVA SECÇÃO de

PORCELANAS

da China e do Japão

RADIO-PORTO

AVENIDA DOS ALIADOS, 156 a 162



LILIAN
ROTH
numa
cêna
do
fonofilme
"Madame Satan"

Fragmentos...

Eu chamo a atenção daqueles que pelo cinema se interessam a sério, para o livrinho que Marcel Lapierre ha pouco publicou, subordinado ao título *O Cinema e a Paz*. (1) Sem pretensões literárias, mas animado por um espírito pacifista e bom, Lapierre, sem se perder em divagações grandiloquentes a que o assunto se poderia prestar, historia, em 120 páginas de agradável leitura, o que o cinema até hoje tem feito quer em defesa da paz, quer em detrimento dela, expondo e exaltando, em traços rápidos e claros, o valor da arte das imagens como possível e extraordinariamente convincente instrumento pacifista; simultaneamente, aponta em termos acusatórios o perigo que, por outro lado, o cinema corre de se tornar um temível elemento bélico se não o defenderem da imbecilidade de alguns daqueles que lhes regem os destinos.

Um a um vai citando o sem número de filmes de guerra que em todo o mundo, desde 1914 até aos nossos dias, se foram realizando, definindo em poucas palavras os seus valores e a sua influência, não poupando nunca aqueles que pelo seu caracter belicoso se tornam nefastos e revoltantes. Esta parte do livro é um verdadeiro documentário que reputo de notável utilidade. Lapierre passa, depois, a focar as reacções do público—homens, mulheres, crianças—perante os filmes de guerra. É uma série de pequenos capítulos muito curiosos mas pessimistas, em face dos tristes resultados obtidos. Em seguida, após algumas palavras sobre a censura, estuda as possibilidades do emprego do cinema como educador pacifista e como elemento de ligação entre os povos e termina: «si le cinéma peut former des hommes éduqués et affnés, il portera à l'esprit de guerre un coup mortel.»

Conquanto não tiremos muito satisfatórias conclusões sobre a influência pacifista dos filmes de guerra feitas neste sentido (e á frente dos quais estão *4 de Infantaria* de Pabst e *A Oeste Nada de Novo* de Milestone), o livro de Lapierre é um estudo de valor, mas modesto, e sobretudo muito simpático, que, por estas três razões, me apraz recomendar aqueles que nos leem.

Não tenho porém grandes esperanças que o meu conselho por muitos seja seguido porque, infelizmente, o público cinéfilo português em lugar de se interessar pelo lado poético, artístico ou social do cinema, mesmo recreando-se, prefere padecer eternamente duma doença ridícula: o «vedetis-

mo». E o mais engraçado é que os «cinéfilos»—e eu emprego agora esta palavra no sentido que para aí vulgarmente lhe dão—zangam-se todos quando nas revistas teatraes, nos jornais humorísticos, por toda a parte ouvem troçar dessa «doença» muito em voga...

* * *

Estou farto das «actualidades» cinematográficas. Este género, que tanto prometia e que tantas possibilidades possui, que podia ser uma curiosa, emocionante, instrutiva e agradável visão do mundo, passado em revista, hoje não é mais do que um conjunto de quadros escolhidos parece que no propósito firme de nos enfastiarem até à saturação. Que vemos nós todas as semanas? Sempre, sempre o mesmo: soldados, navios de guerra, aviões, tanques; o sr. Hoover com o seu inseparável panamá; o sr. Mussolini, cercado dos «camisas negras», vociferando em atitudes bélicas de imperador romano; o sr. Doumer sorrindo; o sr. Laval partindo para a America, o sr. Laval regressando a França, o sr. Laval inaugurando uma exposição, o sr. Laval discursando, o sr. Laval de frente, a sr. Laval de perfil, o sr. Laval de costas, 100 % de sr. Laval... Com intermeio dão-nos as infalíveis corridas a cavalo, as eternas corridas pedestres, os sempre em moda concursos de beleza e, só de longe a longe, uns fragmentozinhos do mundo que gostaríamos de ver mais vezes: um vulcão em erupção, um golpe de vista sobre a revolta na India inglesa, as consequências dum terramoto, um mar revoltado, dansas e costumes de países pouco conhecidos, uns momentos no meio da animação duma feira, etc., fragmentos sempre muito curtos, porque é preciso logar para nos meterem pelos olhos dentro a fotogenia dos homens de estado e o aparato duma cerimónia religiosa ou dum desfile de forças de guerra (enquanto que na S. D. N. se combina o desarmamento universal...), e nos enoherem os ouvidos com as fanfarras das bandas militares...

Quando a palavra fim marca o terminus dum jornal Paramount, Fox ou Pathé, eu pergunto sempre de mim para comigo: mas no mundo só haverá soldados, homens de estado, padres, cavalos e munições de guerra?...

A. C.

(1) Valois — Cahiers bleus — Paris.

Superstições...

Como na imensa maioria dos casos, a carreira dos artistas de cinema se deve à sua boa sorte, a golpes de fortuna, é lógico que eles sejam supersticiosos, que creiam numa maneira exagerada—por vezes—na intervenção do sobrenatural, que orienta a seu bel-prazer o destino dos homens.

É corrente em Hollywood, crer que o número três é de mau agouro. Isto não deixa de ser uma mania, como são na maioria todas as superstições de que padece a humanidade e em mais alto grau a colônia filmica de Hollywood. Recentemente a morte quasi sucessiva de Lya de Putty, Robert Williams e Roberto Ames, veio confirmar esta crença. Alguns chegaram a afirmar que Tom Mix se salvou do perigo de morte, em que esteve ultimamente por causa duma peritonite, precisamente porque a condenação do destino desapareceu da sua cabeça por ter havido já as três victimas que mencionamos.

Outra superstição, é que desde que morreu Valentino, todo aquê, que tem sido saudado pelo público e pelos produtores como seu sucessor, tem visto a sua estrela empalidecer e muitas vezes a extinguir-se completamente. Tal é o caso de Rod la Roque, por exemplo, que viu a sua popularidade diminuída desde que o proclamaram segundo Valentino. Outro a quem a vida correu mal por algum tempo foi Ricardo Cortez a quem também queriam converter num segundo idolo, como o fôra Valentino, o insubstituível.

Outros actores que prometiam muitissimo nos começos da sua carreira tornaram-se olvidados. Assim aconteceu a Don Aivarado. Ivan Lebedeff e Clark Gable são agora os que estão sob a influencia deste signo fatal, attribuído a Valentino.

Uma victima do destino fatal é o gra de realizador D. W. Griffith, velho pioneiro do cinema silencioso. Vinte e uma pessoas que estiveram relacionadas intimamente com êle durante a sua enorme carreira, perderam a estima do público, a popularidade. Um dêles foi Artur Johnson idolo dos «pequenos». Maria Philbin e as Gish citam-se como exemplos da «malapata» que Griffith acarreta sobre aquêles que trabalharam alguma vez com êle. Finalmente êle mesmo, com toda a sua celebridade não é uma das figuras mais primaciais de Hollywood.

Há uma casa célebre que toda a gente conhece em Hollywood, e que ninguem habita. Trata-se duma sumptuosa vivenda situada na esquina do Boulevard de La Brec. Há tempos o seu proprietário morreu nela duma maneira trágica. Depois pertenceu a diversas personalidades do cinema, e entre elas Norma Talmadge. A lenda, diz que todos que a habitaram encontraram nela desgraças e desditas. Ninguem a quere habitar agora. Está marcada para sempre com um estigma.

Um dos casos mais notáveis destas superstições é aquê, que se refere às pessoas que tomaram parte na filmagem do «Rei dos Reis» e «Os Quatro Cavaleiros da Apocalipse».

É rrialmente sintomática a maneira como a morte e a desgraça affligiram quasi todos os que actuaram nêstes filmes de enorme nomeada.

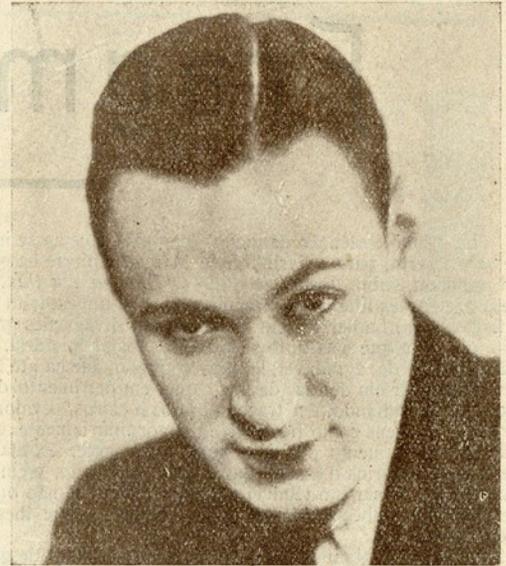
Pouco tempo depois de De Mille completar o

«Rei dos Reis», ao regressar a sua casa, encontrou-a roubada quasi totalmente. Mais tarde o seu grande iate «Seward» ardeu, sem nunca se ter sabido as causas do incendio.

Do «cast» que interpretou a obra, morreram os seguintes: James Neil, Robert Edeson, Rodolfo Schildkraut, George Siegman, Frank Urson, William Crothers, Lon Goodstadt.

Da mesma fórma após «Os Quatro Cavaleiros da Apocalipse» também o destino fez das suas. Nada tão irreparável, nem tão tremendo, como a morte precoce do idolo Valentino, que nesta obra alcançou a suprema auréola dum semi-deus do «écran». Não sómente êle, senão muitas outras pessoas das que tem tocado as trombetas da celebridade no cinema, começaram a ter fama nêste filme e noutros como Wallace Beery, Alen Hale.

Apesar-de toda essa gloria e celebridade, a desgraça cevou-se sobre muitos outros dos que nêle tomaram parte. Entre os que encontraram a



ROD LA ROQUE

Um dos artistas cinematográficos a quem a sua bôa estrela não tem protegido

morte, podemos citar além de Valentino, o próprio autor da novela o conhecido Blasco Ibanez; Jun» Mathis que o ajudou e inspirou na confecção da pelicula; a bailarina Beatriz Dominguez, que dançou com Valentino aquê tango imortal que tanto contribuiu para a sua popularidade.

Além destas, ha mais superstições, comuns na classe dos artistas de teatro. Não deixar guarda-chuvas em cima das camas; nunca um director tomar parte em papeis pequenos nas peliculas, etc. É natural, também, vêr muitos directores antes de iniciar os trabalhos da filmagem duma pelicula procurar proteger o exito das suas produções com consultas aos bruxos e bruxas de Hollywood...

Comentários...

UM director de Hollywood ávido de realismo estava filmando uma cêna de guerra. Mandou lançar bombas sobre o campo onde devia passar o «pseudo» exercito. Como resultado das explosões, vários «extras» ficaram feridos. Os restantes, enfurecidos, carregaram sobre o director, conseguindo êste, na fuga, o seu salvamento.

Tudo isto se tornou inútil, pois vários críticos ao vêr o filme, lamentaram o pouco realismo das ditas cênas de guerra.

Lá como cá... más fadas há...

TERIA sido um plágio o argumento de «A Patrulha da Alvorada»?...

Consciente ou inconsciente Hollywood tem às vezes sangrentas ironias. Eis a mais recente:

«A Patrulha da Alvorada», a melhor obra original de 1931, (segundo a opinião da Academia das Artes e Ciências Cinematográficas) foi considerada como um plágio!... John Monk Saunders,



BILLIE DOVE

Embora lhe chamem a «mulher de marmore» é ainda hoje uma das artistas que o nosso público admira

que recebeu o prémio pela dita obra, foi acusado perante os tribunais por um individuo que disse ser o verdadeiro auctor de «The Dawn Patrol».

Ocorre então perguntar: se a melhor obra original de 1931 foi considerada plágio, que sucederá às que não são consideradas originais?

UM produtor independente, adquiriu os direitos para a filmagem do livro «Vida privada de Greta Garbo», cujo autor parece ser a única pessoa que pode vangloriar-se de conhecer a fundo os segredos domésticos da «estrêla» sueca.

Porém, surge agora uma dificuldade—a escolha da artista para interpretar a figura da protagonista. Nada melhor que Greta Garbo, no entanto, esta nunca o fará, pois não gostou que a sua vida particular fôsse tornada pública.

Quem desempenhará o papel? Os ironistas de Hollywood, respondem em côro, pela primeira vez na sua vida: Marlène Dietrich!!!

Eis um grande sucesso de bilheteira em perspectiva...

UM bom conselho para os genros que sejam cinéfilos:

Um personagem de Hollywood apresentou-se em casa do seu futuro sôgro a pedir-lhe a filha em casamento.

No decorrer da conversação o noivo perguntou ao sôgro se entre os antepassados da noiva teria havido algum demente... ao que o pai respondeu: Não! e não haverá nenhum no futuro, disse, apontando-lhe a porta com um valentíssimo pontapé.

Por conseguinte, muito cuidado com os inquéritos...

MAIS uma artista portuguesa que abandona o cinema. Julieta Palmeira que no filme «José do Telhado» era uma das poucas que se salvaram e que prometia fazer algo de geito quando tivesse a dirigi-la um regular realizador, resolveu, segundo os nossos informes, desertar das fileiras cinegráficas.

Ainda há pouco Heloisa Clara, agora Julieta Palmeira e dentro em pouco não restará em Portugal mais que as cinzas das nossas tentativas para produzir.

Causa pena ver que o cinema português cada vez se afunda mais sem haver uma energia capaz de o levantar desta inercia, dêste comodismo aonde os portugueses se sentem à vontade.

Quando todas as nações procuram a maneira de se cingir a si próprias, fazendo esforços para produzir filmes na sua lingua, os portugueses olham indiferentes para tudo isto, sem se recordarem que estava na produção portuguesa, caso ela fosse feita duma forma inteligente, uma maneira de diminuir consideravelmente esta crise em que o cinema se debate.

Talvez acordem, quando o remédio já não fôr possível.

O NOSSO público queixa-se que o preço nos nossos cinemas é caríssimo e apresentam como principal argumento o preço dos teatros. Mas ninguem pode contestar que uma cadeira que custa 17\$50 no teatro tenha equivalente no cinema.

O teatro, por muito mediocre que seja a companhia, é sempre um «bocadinho» mais caro que uma sessão cinematográfica. Por conseguinte, não há muita razão de queixa...

DAMOS esta nota a titulo de curiosidade e chamando sobretudo para ela a atenção das nossas autoridades policiais:

«Foi instalada uma sala de cinema sonoro na Perfeitura da Polícia de Paris, para projectar aos agentes, filmes de educação profissional e de instrução geral».

Gostariamos de ver o exemplo seguido em Portugal... mas não esperamos vê-lo...

Os musicos no cinema

Uma conversa -- quasi entrevista -- com o maestro LUCCHESI.

O pouco que ele nos disse... e o muito que nos prometeu contar.

O maestro José Lucchesi estava entre nós. O acaso, o feliz acaso, motivo imprevisto de grandes coisas, proporcionou-nos o prazer de o encontrar na casa «His Master's Voice», aonde acorrem sempre todas as grandes personalidades da arte musical que passam por esta cidade.

De vez em quando tambem vou à casa «His Master's Voice» ouvir uns discos preferidos e a maior parte das vezes ouvir os discos dos filmes que as empresas anunciam para proxima exhibição, preparando-me assim, antecipadamente a julgar uma parte desses filmes—a parte musical.

O disco ouve-se duas e mais vezes, tantas até compreendermos e termos analisado conscienciosamente todos os efeitos, «nuances», harmonias... enfim, todas as particularidades musicais da partitura, que com dificuldade podemos apreciar convenientemente na sala da sessão, durante o desenrolar do filme.

Por casualidade ouvi pronunciar o nome de Lucchesi o que me despertou logo a atenção, pois —extravagante coincidência!— estava nesse momento a ler a legenda de um disco «Manuela del Rio»—na qual figurava em letras douradas sobre um fundo ameixa o nome de «J. Lucchesi e sua orquestra».

Eu sabia já que Lucchesi tinha sido o autor da partitura que alindou o «Julgamento de Gaby» e que tinha prestado tambem uma grande colaboração à do filme «Uma noite de rusga», no qual ele nos apareceu à frente dos seus esplendidos musicos.

Não admira, pois, que a nossa curiosidade se alvorotasse: o seu trabalho adentro dos studios e, portanto, o seu conhecimento sobre coisas de cinema, devia interessar os nossos leitores.

Era necessaria uma conversa com o maestro.

E sem mais reflexões—para quê se estavamos já obsecados por essa ideia fixa?—pedimos uma apresentação, que a solicitude dum amigo, ali presente, satisfez.

O maestro Lucchesi recebeu-nos com um forte aperto de mão e com palavras que nos confundem, dum brasileiro entrecortado de fracês.

Acompanhava-o uma senhora francesa, que tratamos por Madame Lucchesi, de igual maneira amavel e atenciosa, que se entretinha a folhear com visível interesse uns exemplares duma revista portuguesa, fazendo elogios à boa qualidade do papel, à impressão, aos clichés... Não sei a razão por que lhe interessavam estas particularidades...

O maestro — novo, vivo,

naturalmente simpatico, fransino, nervoso—fala muito, com entusiasmo. As suas palavras não nos interessam, pois nada nos revelavam para o fim que tinhamos em mente, mas não podiamos—seria indelicadesa—deixar de o escutar.

Conta-nos que andava a fazer uma digressão turistica pela Europa Ocidental. Para dizermos qualquer coisa e para abriremos o caminhs pedimos-lhe que nos dissesse quais as suas impressões sobre Portugal.

—Portugal tem-me encantado—as suas palavras eram sinceras—pela maravilha da sua paisagem, pelo característico dos seus costumes bisarros, incomparaveis... e por um sem numero de coisas, que bastante me teem impressionado. Hei-de voltar novamente mais daqui a algum tempo, mais então com a minha orquestra. Com a crise que se atravessa — até na arte há crise! diz-nos o maestro com encolher de ombros—seria arriscado tal empreendimento. Mas não desespere... Hei-de vir novamente a Portugal, com a minha orquestra...

Nesta altura Madame Lucchesi atalha a dissertação entusiástica do maestro, dirigindo-se ao nosso amigo Gaspar Cabral da casa «His Master's Voice»:

—Diga-me:—os discos de meu marido teem tido muita venda em Portugal?

O assunto agora era estrictamente comercial.

Gaspar Cabral deu explicações, satisfazendo o interesse da Madame Lucchesi e assim, por largo tempo se demorou a conversa, com muita impaciência de nossa parte, pois não havia meio de entrarmos nas particularidades que nos interessavam—saber coisas de cinema.

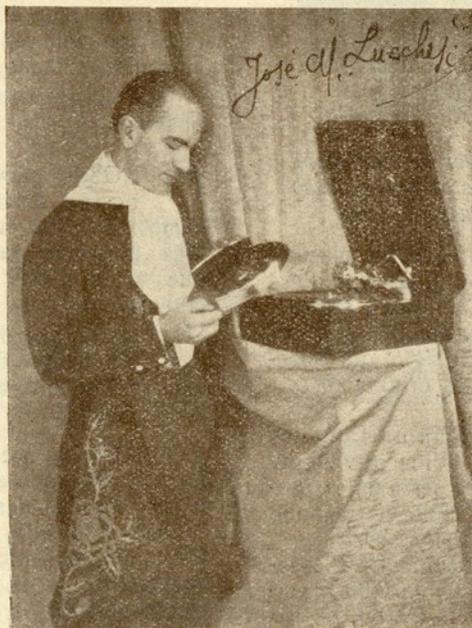
A certa altura diz-nos o maestro:

—Acabo de gravar em França uns discos com alguns trechos do fonofilm «Un soir de raffe»...

Chegou, enfim, a oportunidade de entrarmos a fundo com a nossa verbosidade. E com receio de a perdermos não poupamos o maestro a uma serie intempestiva de perguntas sobre a produção cinematográfica em França.

A nossa verbosidade assustou-o, com grande desespero nosso.

—Desculpe não lhe responder. Venho em digressão a fugir do trabalho insano dos últimos meses. Viajo para descansar. Deixo-lhe a minha morada em Paris, donde prometo escrever-lhe... e contar-lhe-ei então muitas coisas interes-



José Lucchesi

Conclui na última página.

CARTA de PARIS

Il est Charmant Paramount dá-nos actualmente *Il est charmant*, essa deliciosa opereta cinegráfica de Albert Willemetz, com música de Moretti e realizada por Louis Mercanton.

Meg Lemonnier, a principal intérprete desta produção, que eu consultára, disse-me com uma pontinha de malícia: «Você vai vêr o filme, é encantador, não tenha medo de o dizer aos leitores da *Invicta-Cine*.

E' agora a vossa vez de julgar.

Jacques Dombrenal, um jovem estudante de direito, mais dado aos prazeres do que aos estudos, está em vésperas de entrar a exame e constata com desgosto que o ano terminou depressa demais e sem lhe dar grande tempo para abrir os livros. O dia do exame chega e Jacques, posto que desanimado e sem entusiasmo, decide tentar a sorte. Mas eis que uma rapariga passa por êle, na rua, despenhadamente, com tipo elegante, em tudo mostrando-se verdadeiramente deliciosa.

O rapaz esquece as suas preocupações do momento e segue-a. Dentro em breve sabe que ela também é estudante, que se chama Jacqueline, que é orfã e que vive só num pequenino quarto tendo por únicos camaradas os seus livros. Em pouco tempo os dois são bons amigos e Jacqueline, que também vai a exame, promete ajudar o seu simpático colega, o que lhe é facilitado pelo aca o que os colocou lado a lado na grande sala da Universidade.

Com a dedicação da sua nova amiguinha

Jacques livra-se das provas escritas com sucesso. O peor são as orais. E a-pesar-dos trucs dos seus camaradas e dos conselhos de Jacqueline, que tirou excelentes notas, o rapaz fica reprovado. Porém ao chegar a casa encontra uma surpresa. O seu tio mandára-o chamar para lhe propôr um importante lugar de notário em Riom. Hesita, mas como Barbarin promete ajudá-lo, parte para a província. Jacques quer, todavia, juventude e alegria e põe ao seu serviço todos os seus camaradas do Bairro Latino. Jacqueline vem também. E' preciso viver! E' preciso amar! Mas dá-se uma série de trapalhadas, os dois zangam-se e por despeito Jacqueline resolve casar-se com um cliente. Porém Jacques troca o nome do noivo pelo seu e... ali se forma o mais feliz casal deste mundo.

Juntem a este amável cenário, uma música agradável, um diálogo verdadeiramente engraçado, vida e frescura e, sobretudo, um desempenho de primeira ordem e facilmente poderão imaginar o esforço feito pela Paramount que realizou esta deliciosa opereta.

Meg Lemonnier (Jacqueline), Henry Garat (Jacques), Dranem (o reputado cantor francês no papel de Barbarin), Moussia e Cassive contribuem para o sucesso desta triunfal.

La petite Chocolatière Trata-se dum filme muito agradável e duma grande alegria, realizado por Marc Allegret, segundo a obra de Paul Govault, e no qual Raimu, que prima no género comédia sentimental, conseguiu criar um «Felicien Bedaride» extraordinário. E' ele quem, ajudado pelas suas eméritas partenaires, leva ao sucesso esta divertida película que encanta actualmente Paris inteiro. Pierre Bertin, da Comédie Française é um empregado tímido que resiste—e nós perguntamos porquê—aos avanços da muito graciosa Jacqueline Francel para quem a sua estreia na tela constituiu um verdadeiro sucesso que muito a deve encorajar a prosseguir.

Michele Verly, André Dubose, Geo Lecomte, Simone Simon completam belamente o elenco desta divertida comédia que Marc Allegret realizou para Braunberger-Richebé.

Reconheçamos que se *La Petite Chocolatière* apresenta por vezes alguns defeitos, tem a boa sorte de incluir um valor como Raimu, o principal artista da peça.

Com efeito, Marc Allegret raramente nos priva da presença deste irresistível fantásista, o que, a meu vêr, foi uma excelente ideia que julgo in-criticável.



Meg Lemonnier e Henry Garat no fonofilme
«Il est charmant»

Estamos em 1830. Os Estados Unidos eram, então, formados de treze estados, reunidos desde 1776 sob o impulso de Washington: o de Virgínia, nos campos do branco algodão, Rhode Island, New-York, reino de pescadores e das flotilhas de comércio, New-Jersey, Comerciant, New-Hampshire, Maine, dos campos de trigo, Carolina do Norte e do Sul, a Pensilvânia e a indolente Georgia das belas creoulas.

Como se formou a ideia duma grande emigração, e quais foram os primeiros pioneiros? Não se poderia sem pesquisas precisar os nomes daqueles que lançaram à frente da grande caravana para os vastos territórios do Oeste, conquistando um continente até aqui, reservado sómente aos péles vermelhas.

Os pesquisadores tinham palmilhado os países desconhecidos, tinham atingido um vale cheio de flores, de ervas e de árvores, mólmente estendido aos pés dum oceano. Eles descreviam as vastas paisagens, as pradarias verdes, as florestas profundas, as montanhas cheias de javalis, os ribeiros de águas cristalinas onde vogava a truta. Mas êste vale não se podia atingir, senão depois de ter caminhado longos meses, atravessado dois grandes rios, transposto uma cadeia de montanhas alterosas, (as Montanhas Rochosas) afrontado a cólera dum lago fantástico (o lago Salgado). Um dia decidiu-se a grande aventura. De junto de S. Luís nas margens do Mississipi, no começo da primavera, teve lugar a partida, numa manhã de apoteose. Com o decorrer dos meses, de todos os países, afluíam os pesquisadores, os colonos, os plantadores de tabaco, de arroz, de trigo, etc. Os piores aventureiros estavam misturados à élite americana. Alguns tinham uma equipe faustosa, vagão largo e confortável, cavalos de muda, gado... Outros, como Louis Mayer tinham apenas um cavalo e duas pistólas. Na algibeira um baralho de cartas viciado.

Mayer, cuja profissão consistia em amearhar a sua fortuna à custa dos desgraçados jogadores que subiam o Mississipi, no grande barco, acabava de se decidir a tentar a exploração, por conta própria. No norte esparava-o uma força; no sul tinha prisão reservada; a este tinha as duas honras juntas. Sómente lhe restava o oeste, terra virgem, a explorar, onde por ora não o esperava nenhuma gravata de canhamo. E depois conviveria com a linda misse Vernon, que fazia parte do combóio.

Welmore, o chefe dos exploradores, preparava o abastecimento, circulando por entre carças e bagagens...

—Viva, Pedro Colmain, disse a um cavaleiro que atravessava o campo. O recém-chegado era um rude rapaz, fino, atlético, de rôsto franco e simpático, cujo vestuário franjado a couro, o cha-



dor, sem armas, foi visitar um outro explorador instalado numa colina, fez fogo sôbre êle. Pedro ouviu uma detonação seguida de outra. Acabavam de matar Mayer. Este tinha sido abatido por Pépin que tinha desconfiado do escroc e que o tinha seguido, na mesma pista de Colmain. Flak experimentou fazer condenar Pedro, mas provou-se que Colmain tinha saído sem armas e o assunto foi arrumado.

Lentamente o combóio marchava. Uma noite passou-se um rio, rápido, tumultuoso sôb uma tempestade sinistra. Denise e a sua pequena família confiaram-se à energia de Colmain, o qual foi o animador da resistência dos homens contra a natureza em fúria.

péu baixo e a navalha própria, indicava como um preparado de péles.

—Não queres guiar o meu combóio para o ocidente Pedro?

Tu conheces bem os índios, tens visto as belas montanhas brancas, que querem atingir êstes audaciosos...

Mas Pedro, pensava noutros projectos, que confiava ao seu velho amigo Pépin que fazia parte da caravana. Designando um grupo de três homens perguntou:

—Que pensas tu dêstes três «marmanjos»?

Um era um gigante barbudo de olhar duro, Flak, chefe do combóio Wellmore; seu amigo o Lopez, mestiço espanhol-indiano e Mayer, que sentindo-se observados esconderam-se por trás dum vagão. Colmain tinha-os reconhecido. Supuham-os assassinos do vélho Lebrun um explorador amigo de todos e que tenha sido encontrado despojado e assassinado. A presença dêstes bandidos e a aparição impressionante de miss Denise Vernon, decidiram Pedro Colmain a guiar o combóio, nos países cheios de emboscadas, que se abriram à caravana. Miss Vernon não queria confessar que Colmain tinha marcado profundamente o seu jóven coração.

Guardava-lhe o rancôr dum beijo que êste lhe tinha dado de improviso. Desconfiava da sedução do jóven.

Um belo dia, todo ornado pelo cantarolar das aves e do canto das raparigas, o padre deu a bênção à caravana, que abalou.

Flak e Lopez iam no vagão da frente. Colmain, áltivo e magnífico caracolava ao longo dos carros reverenciando irrisistivelmente miss Vernon, que fingia dirigir tóda a sua atenção para o seu irmão mais novo e irmazinha, dos quais ela era a única mãe, pois os pais tinham morrido.

Até então a marcha tinha sido monótona, estenuante, terrível; os dias sucederam aos dias. As planícies, às planícies. E a fadiga, o cansaço, o mêdo, ao desconhecido... As semanas passaram-se assim, na travessia de ribeiros, de rios. Cada

noite, depois das etapas lentas, quando se queriam descansar os homens e os animais, fazia-se um alto. Era a hora bendita do repouso e do prazer. Dansava-se evocando as alegrias futuras do trabalho e da permanência num paraíso desconhecido. Mayer fazia a sua côrte, mas não avançava nada... Denise Vernon, um dia, sorrindo para Pedro Colmain, aceitou dansar com êle. Os dois jovens amavam-se mas não ousavam dizê-lo. Um dia chegaram às margens do grande rio, impetuoso, o mais terrível obstáculo colocado pela natureza, que proíbia aos homens de irem mais além. Denise procurava Pedro e não o via. A sua carróça seria a última a atravessar. Havia três dias que o explorador tinha partido para efectuar um reconhecimento com tribus indianas; tinha sido derrubado do cavalo pelo pérfido Mayer, que com Lopez tinha saído do acampamento com o fim de livrar Flak dum acusador, e de se desembaraçar dum rival triunfante. Flak julgava-se livre, mas empalideceu quando viu descer do carro dos Vernon, Pedro Colmain que chegava a tempo de retirar os seus amigos do perigoso rio onde tantas vidas, tinham já terminado.

O Missouri rolava já nas suas vagas barren-tas, alguns animais afogados e carros voltados.

—Eu previno-o, Flak, disse Calmain voltado para os três bandidos gelados de espanto, Lopez e Mayer que se acautelem porque m'as pagarão.

A marcha recomeçou. Uma tribu indiana aproximou-se do comboio e retirou-se tranquilizada pelas promessas de Colmain. Consentiam que passassem os caras-pálidas com a condição de não se estabelecerem em nenhum território de caça dos peles-vermelhas. Correram semanas. Um dia apareceram bizões. Colmain partiu com dois amigos, afim de revitalizar a caravana de carne fresca, para não abater o gado. Abordaram as manadas e os três caçadores fizeram né-las uma hecatombe.

Uma manhã, Mayer, que tinha saído do acampamento para seguir Colmain, quando o explora-

Quantos carros se perderam, cavalos se afogaram e desapareceram?

Nas planícies desérticas do Wyoming a caravana foi atacada pelos péles-vermelhas da região.

Os homens vermelhos tinham deixado os seus acampamentos por ordem dos feiticeiros que os excitavam à batalha e à vitória. Curvados sôbre os seus pequenos cavalos, rápidos como o vento, chegaram como uma tromba sôbre o combóio, formado em círculo, ávidos de castigar os homens brancos que ousavam penetrar no território dos seus antepassados.

Nos flancas da caravana mulheres e crianças armavam os homens, novos ou vélhos, enquanto que ao centro o gado babudo experimentava quebrar o frágil abrigo que os guardava. O que foi esta jornada, conservaram-na na memória os sobreviventes para tóda a vida: metralha, gritos, cheiro a pólvora, poeira, ralas de moribundos, soluços de mulheres, regatos de sangue...

Enfim os péles-vermelhas abalaram, abalaram rechaçados pelas balas, enquanto a caravana se dirigia para o ocidente disposta sempre a atingir o fim.

Mas no decorrer dos dias, Flak e Lopez tinham fugido do acampamento. Esperavam nas Montanhas Rochosas escapar à vingança de Colmain, que tinha decidido castigar os assassinos do vélho Lebrun.

Depois de lutas indescritíveis, de marchas sôb um sol implacável, na lama ou na água, depois das gargantas e dos abismos ao fundo dos quais o pequeno exército humano tinha de descer para ir sempre mais longe, o combóio, chegou finalmente ao pé das Montanhas Brancas.

Lá longe, no vale (Oregon) brilhava o sol!...

—Estabelecei-vos, meus amigos, construí, vossos lares. Eu parto, vou caçar dois miseráveis que pagarão com a vida o seu crime sem perdão.

Denise não pôde dissimular mais o seu amôr, mas Pedro prometeu-lhe voltar, logo que tivesse executada a sua vingança.

(Conclui na última página)

ACTIVIDADE CINEMATOGRAFICA EM TODO O MUNDO

RENÉE Adorée, restabelecida da pertinaz doença que a reteve durante longos meses fóra da actividade dos estúdios, deve regressar brevemente a Hollywood.

LLOYD Corrigan, está realizando um filme sobre a aviação o qual se intitula «The Broken Wing». **Lupe Velez** desempenha o principal papel.

«**STRANGE Interlude**», original de Engéne O'Neil, é o título do novo filme que **Norma Shearer** vai interpretar.

GARY Cooper, que presentemente se encontra gosando merecidas férias, regressa aos estúdios nos últimos dias do corrente mês começando desde logo a trabalhar em «Farewell to Arms».

GUIDO Brigliante, está dirigindo para a «Cines» um novo filme o qual se intitulará «Pergolesi». A versão italiana é desempenhada por **Dria Paola**, **Elio Steiner**, **Livio Pavanelli** e **Carlo Lombardi**. A versão francesa tem como interpretes: **Simone Vaudry**, **Richard Wilme**, **Leda Ginnelly**, etc.

PAUL Féjos, vai produzir para a *Films Osso* «Uma historia de Amor». Esta película terá quatro versões: francesa, inglesa, alemã, e hungara.

O principal papel feminino de todas as versões é desempenhado pela encantadora **Anna-bella**.

A *Films Osso*, de colaboração com a *Lothar-Starch*, de Viena, vão produzir o filme «O Amigo Cruel». A trepidante **Anny Ondra** é a vedêta.

NA proxima 3.^a feira, estreia-se em Paris, no *Moulin-Rouge*, o último filme interpretado por **Ivan Mosjoukine**, «O Sargento X...»

DE regresso a Berlin, **Pabst**, começou a filmagem dos «interiores» de «Atlantide».

TEM obtido enorme sucesso no *Ultra-Pavillon* de Berlin, a versão sonora do filme «Ben Hur».

DOUGLAS Fairbanks Junior, trabalha actualmente em «The Goldfish Bowl» nos estúdios da *Warner-First*.

ANITA Page, uma das mais encantadoras artistas da *M. G. M.*, renovou o seu contrato com esta empresa.

DOLORES Costello, terminou recentemente o filme «Expensive Women».

LEE Parry, é a interprete da versão francesa de «Dix joyeuses femmes de Vienne», que **André Rigand** terminou ha poucos dias.

BREVEMENTE será exibido no cinema *Olympia*, desta cidade, o surpreendente fonofilm «O Congresso que dança». Leitor, não deixes de ir vêr novamente a **Lilian Harvey**, entendido.

NO passado dia 3, faleceu, em Manchester, a conhecida estrêla cinematográfica **Lilian Hall Davies**.

Esta artista, trabalhava ultimamente para a *B. I. P.*

TEM obtido enorme sucesso em Paris o último fonofilm de **Georges Milton**, «O Rei da Banda». Esta produção do famoso cómico, será brevemente apresentada em Portugal pela firma **Castelo Lopes**.



Uma imagem do super fonofilm «A Pista dos Gigantes»

TEM obtido enorme sucesso em Lisboa, no *S. Luiz*, o fonofilm da *Ufa*, «Ronny» (A Princesa Encantadora).

O cine *Odeon*, desta cidade, estreia brevemente uma série de boas produções cinematográficas distribuidas pela *Coimbra Films*.

SEGUNDO consta, uma empresa exibidora desta cidade pensa em importar filmes na proxima época.

Figuras & factos do Cinema

O caso do suicídio de
Sessue Hayakawa—Onde
parava o grande actor ja-
ponês—Uma nova historia



SESSUE HAYAKAWA numa cena do filme
«A Filha do Dragão»

O nome de Sessue Hayakawa é novo para muitos e velho para tantos cuja atenção de longa data vem seguindo a actividade cinegráfica. E' que na vida do grande actor japonês, na vida activa das películas, há um vácuo imenso a sepultá-lo no olvido quasi completo, até para alguns dos seus admiradores de outrora. O colossal intérprete de *Akira*, êsse drama excelente que nos fez vibrar de emoção ante o domínio do seu jôgo de comediante, foi uma das mais notáveis figuras da t'ela, onde apareceu por vezes ao lado da sua compatriota e graciosa esposa Tsuru Aoki.

Apreciado por todo o mundo, gosava duma fama nada imerecida e balofa como a de tantos outros astros encostados ao bordão do *sex-appeal*. Hayakawa não tinha a favorecê-lo êsses predicados naturais de belêsa convincente para conquistar plateias. Tinha de valêr-se única e exclusivamente do arcaico da sua mimica para se impôr. E era assim que êle persuadia.

Fóra do meio cinematográfico destacava-se ainda nas letras. Era positivamente um intelectual. E' a êle que o seu país natal deve as primeiras traduções de Shakespeare. Sessue viveu e trabalhou anos na Cinelandia e na Europa. Nêsse tempo as publicações da especialidade davam de quando em quando o seu retrato, entre os contemporâneos de então. Falava-se da sua pessoa como de todos os outros. Mas, um dia, as suas produções desapareceram e os jornais nunca mais se referiram à sua pessoa. Raramente, uma nota curta e imprecisa, a perder-se no montão das notícias de grosso formato, mais palpitantes, das diversas actividades filmicas do mundo. A imprensa preocupava-se mais com as novas estrêlas que surgiam, ou com as mais atraentes pelo lado físico. Os Valentinós, as Gretas Garbos, os Ramon Novarros, etc.

Sessue era uma luz a tremeluzir nos últimos momentos da existência fílmica.

Então deram-no como morto, uns; outros falavam da sua desoladora retirada para o Japão. Os primeiros contavam a sua trágica odisseia da maneira mais extraordinária que se pode imaginar: Certa noite em Monte Carlo, onde habitava

havia dois anos, o japonês, na ânsia de rehavêr os seus esgotados capitais, achou na ofuscante iluminação do famigerado Casino a aurora imaginativa da sua reabilitação financeira. Pela mente passou-lhe num redopiar satânico e hipnotizante a rolêta das esperanças a dar-lhe montões de notas. Entrou como tantos, talvez alucinado e abandonou.

Os últimos francos da sua algibeira foram saltando sôbre a banca até desaparecerem na voragem do azar. Depois... contaram que à sombra dos grandes arbustos que ladeiam o Casino, o tresloucado puxára duma pistola e metera uma bala na cabeça.

A história não estava mal architectada para um homem de fama e de dinheiro em tão crítica situação da vida. E' mesmo a versão infalível e solucionável destas questões. Mas, tão convictamente se falava d'êste suicídio que se chegava a indicar o ponto onde estava enterrado, sob um número gravado na ardósia de luto do Cemitério dos Suicidas, onde jazem tantos infelizes que a loucura da roleta de Monte Carlo ali sepultou.

Esta história não se afigurava, no entanto inverosímil à maior parte dos que conheciam Sessue, porque não ignoravam tambem a paixão d'êste pelo jôgo. E quasi tudo se convencera afinal de que Hayakava morrêra. A verdade é que êle em princípios de 1927 desapareceu misteriosamente de Mônaco.

E eis porque os menos crentes em tal notícia, o faziam retirado no Japão a refazer a sua abalada existencia.

* * *

Entretanto, alheio a todos êsses rumores que o davam ora morto, ora repatriado, o grande actor japonês singrava o oceano e entrava em Nova-York, onde iniciava a sua actividade para o teatro sem grande successo.

A explicação do seu «suicídio» deu-a mais tarde um jornalista que se interessou deveras pelo caso: Um sósia de Hayakawa apparecêra em M6-

Conclui na penúltima página.

Artur S. Fernandes—O Alves Costa diz que na verdade tem uma vaga ideia de o conhecer e pede-me que lhe comunique que se tem assim tamanho empenho em falar-lhe, lhe telefone para o número 817, de preferência entre as onze da manhã e a meia hora. Não lhe dou a direcção dêle porque, com o reclame que lhe tem feito o «Eu sei tudo» do *Cinema*, as cinéfilas do Porto eram muito capazes de lhe caírem lá em casa, em péso, e é agora tem o coração todo tomado e não tem bilhetes extra-lotação...

O realizador de *O Sr. Director* foi W. Thiele. Marie Glory mora na Rua Berton, 3, Paris (17e) França.

Laurinda Leite—Leia a resposta anterior e verá os seus desejos satisfeitos. Tomo nota dos «nomes bonitos» que chamou a êsse leitor... mas não compreendo a razão de tamanha zanga. Tenho muita pena mas não sei presentemente a direcção particular que Você deseja saber. Adeuzinho simpática amiga, escreva-nos sempre.

Guidita—Recebi e li essa papelada tôda que me mandou. As tais cartas não me comoveram nada. Não me parecem sinceras com tanto palavreado estudado, com tanto lugar-comum, com tantos termos baratos de efeito, que cheiram a tiradas teatrais. Pode ser que me engane, todavia... Que pena Você não se ter enganado e ter mandado as violetas antes a mim... Você não sabia que eu gostava de violetas? Pois fica agora sabendo. Retribuo saudades.

Um apaixonado pela Lily Damita—Pela bôca perde o peixe. E Você perdeu por falar antes do tempo. Como deve ter visto já lhe respondi no número anterior... por isso o seu descontentamento não tem razão alguma de existir. Vocês não sabem ter um bocadinho de paciência? Bom, não vale a pena a gente ficar de mal por causa disto e não deixe de me escrever, na certeza de que será sempre recebido de braços abertos... mas em seu devido tempo. Verá *O Tenente Sedutor* muito em breve no «Trindade». Até breve caro apaixonado

2º apaixonado pela Lily Damita—O seu pseudónimo não só é um bocadinho grande demais como se parece demasiado com o do seu amigo. Ai Você também vem repontar por causa da demora com que saiu a resposta ao «Apaixonado n.º 1»? Como deve ter visto, se leu o número anterior, o meu caro amigo ficou mal. Vocês estavam assim tão aflitinhos por saber as direcções da Lily Damita e do Maurice Chevalier? Mas como foi que Vocês se lembraram de ter agora êsse «beguin» pela Lily? Olhem que ela está fóra de moda. Eu se fosse a Vocês derretia-me antes pela Lilian Harvey, ou pela Marlène Pernas Dietrich... A Lily é francesa mas viveu algum tempo em Portugal quando era menina e moça. O *Ben-Hur* sonoro deve passar no «Trindade» não tarda muito. Pode escrever mais vezes mas mude de pseudónimo e venha disposto a esperar com paciência a sua vez. Até breve. Obrigadinho pelo abraço.

Jorge—Isto de ir para o cinema não é brincadeira nenhuma. Se Você não é rico, deixe-se estar muito quietinho, vá vendo os filmes que cá passaram sem pensar em entrar nêles, leia a «Invicta-Cine» e apaixone-se pela rapariga mais fotogénica que encontrar. Se lhe aparecer uma oportunidade de entrar num provável futuro filme português, aproveite. Quanto a ir lá fóra tentar a sorte não o aconselho, a não ser que tenha dinheiro para gastar enquanto esperar ser aceite pelo «casting-office» de qualquer estúdio. Mas mesmo assim tem mil probabilidades contra uma de perder o seu rico dinheirinho sem ver seus desejos satisfeitos. Os escritórios dos Studios Paramount em França são na rue des Reservoirs, St. Maurice (Seine) França. Os da Ufa são em Kochstrasse, 617, Berlim S. W. 68, Alemanha. Quere um bom conselho? Não basta ser bonito, ter 24 anos de idade e jogar o «football» e o «basket». E' preciso ter vocação, ser paciente, possuir uma grande tenacidade e... ter muita sorte. Cria que tudo isto não é para o desanimar. Acredite que são conselhos de amigo. Agora Você resolverá.

Um Académico—Bravíssimo! Congratulo-o pelas suas ideias pacifistas e humanitárias. Mas há uma triste verdade que temos de aceitar. As guerras nunca acabarão. Se hou-

vesse muitos homens de boa vontade e de nobreza de carácter, talvez se podessem evitar, algumas vezes, ou, pelo menos, dificultar. Mas acabar de vez com a guerra é impossível, infelizmente. Estou de pleno acôrdo com o seu contrato, porque vejo que Você tem vontade de aprender e de saber ver. Faça o que diz, irei da melhor vontade corrigindo as suas opinões. Procure ver sempre as coisas sob um ponto de vista particular e fuja das influências estranhas.

A quem Você vem dizer que há muitas pequenas de truz na Rua Antero de Quental!... Conheço essas redondezas a dêdo; e o amigo Fernando já lá esteve «ancorado» durante bastante tempo... Você chegou com atraso... Sim senhor, não se deve andar atrás das mulheres. Deve mostrar o que vale, ou mesmo mais do que o que vale, e esperar que elas venham a si.—O camarada Loubet foi realmente director do *Espião* mas, tendo suspenso a publicação dêste jornal, passou para chefe de redacção no Porto do *Detective*. O Soutinho tem escrito sempre, mais ou menos regularmente. Cumprimentos transmitidos ao A. C., que agradece. Retribuo em duplicado o abraço que me mandou.

Cinéfilo tripeiro—Cá está outro com pressa!.. Já respondi à sua carta em que me expunha o seu bairrismo cinéfilo. Vejo que Você continúa tripeiríssimo da costa. Com que então o amigo persegue os seus amigos aconselhando-lhes a nossa revista? Um grande abraço que Você merece! Achei graça a essa de me dizer que resolveu substituir a sacramental frase: «prefira produtos portugueses» por esta: «prefira revistas de cinema portuguesas», e de a buzinar (o termo e seu) aos ouvidos de todos os seus conhecidos. Pela parte que nos toca, muito obrigado!

Senfilist—Então o amigo ficou assim tão admirado por ouvir o speaker da Rádio-Porto anunciar «Invicta-Cine»? Nós somos gente moderna. E depois, Você está a ver, esta publicidade através da T. S. F. manda um certo balanço... E enquanto nós não arranjam um avião para levar a revista aos quatro cantos do país... (Era assim a única maneira dos leitores receberem a revista a horas...).

Velho leitor—Você é assinante desde o primeiro número?! Bravo! Sim, daqui a dias entramos gloriosamente no décimo ano de existência. Não é brincadeira! Festejaremos o nosso aniversário com um número especial, como de costume. Obrigado pelos seus votos de felicidades.

A. R. Costa—A Administração agradece-lhe o envio da importância para renovar a sua assinatura. Sôbre o filme a que se refere, devo dizer-lhe que não gostei.

Za-la-morte—Não faça caso. Aquelas «piadinhas» ao *Cinema* são a fingir. Sômos todos amigos do Pereira e quando vamos ao «Trindade» nunca deixamos de brincar com êle ao pilha.

Amo o Amok—Muito obrigado gentil leitôra mas não a posso atender visto ser um rapaz comprometido.

Maurice Chevalier continua a trabalhar para a Paramount. Veja a direcção no número anterior. Pode escrever-lhe em português mas cuidado visto êle ser casado

Jeanette Mac Donald vai trabalhar para a Metro Goldwyn Mayer.

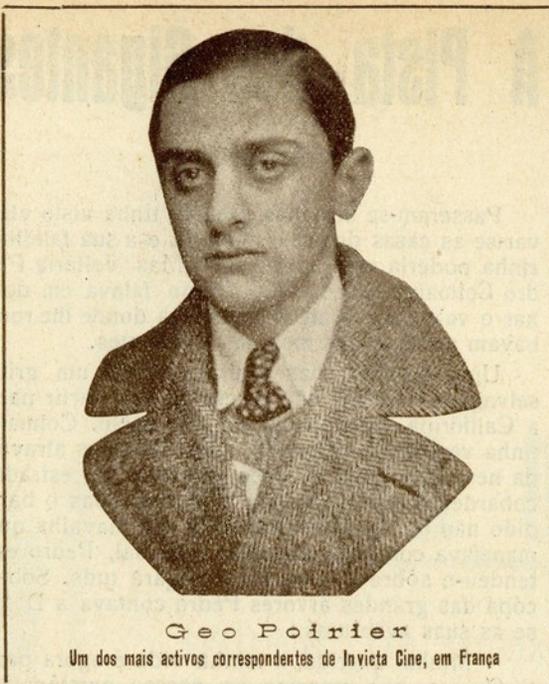
Sempre ao seu dispôr mas não volte a falar em questões de amor. Fale de Cinema e já tem muito que dizer.

Joaquim Reis—O seu pedido devia ser feito directamente à Administração, no entanto, devo dizer-lhe que os números que pretende estão esgotados.

O preço da assinatura é de 12\$50 cada série de 25 números.

Ao seu dispôr.





Geo Poirier

Um dos mais activos correspondentes de Invieta Cine, em França

Figuras e Factos do Cinema

(Conclusão)

naco e aproveitando a sua grande semelhança, dizia-se um actor cinematográfico para conquistar facilidades e simpatias que a sua posição de homem vulgar não lhe facultaria nunca. Esse pobre diabo, um verdadeiro pária, matou-se arruinado. E daí nasceu a confusão.

A imprensa portuguesa pouco ou nada se preocupou com o assunto, embora Hayakawa contasse com um grande número de admiradores entre nós.

Algun tempo depois chegou ao seu conhecimento a preocupação da imprensa europeia em dá-lo como desaparecido do mundo dos vivos, mas nem por isso se apressou a rectificar o equívoco. Ignora-se porquê, Sessue deixou persistir-se longo tempo nessa ilusão. Segrêdo? Conveniência? Só mais tarde, alguns representantes de jornais do velho continente na América começaram a entrevistá-lo, espantados da sua existência e a pedir-lhe que aclarasse as coisas. Ele acedeu, então, escrevendo com o seu próprio punho nas suas fotografias que estava bem vivo e deixando-se fotografar ao lado de populares vultos do cinema, como Douglas Fairbanks, para desvanecer as últimas e mais concentradas dúvidas.

Alguns persistiram porém na desconfiança de tal verdade, crendo difficilmente no «morto-vivo». Mas de facto Sessue não morreu e ainda o ano findo se achava trabalhando novamente em Hollywood.

O sonoro trouxe-o de novo para o cinema e em *A Filha do Dragão*, um filme onde são con-

tinuadas as estranhas façanhas do *Misterioso Dr. Fú Manchú*, ele desempenha um papel de detective oriental.

E actualmente encontra-se em Tokio a trabalhar num novo filme *De Gentleman a Alfaiate*.

Não deixa, no entanto, de interessar um caso recente em que o actor japonês se achou envolvido e que parece ainda estar por resolver nos tribunais de Hollywood. Ei-lo como o contou mais ou menos um jornal parisiense:

«Não há muito tempo Sessue e sua esposa Tsuru Aoki adotaram uma criança duns três anos de idade dando-se por muito satisfeitos com tal resolução. Mas algum tempo após a adopção, uma artista do Teatro Ruth Nobile surgiu a protestar contra tal gesto, alegando ser a mãe da criança e que tal adopção não é legal, encontrando-se no direito de protestar e reclamar a anulação da mesma. Entretanto Sessue recusa-se a entregar a criança, respondendo que o direito está do seu lado e que a pretensa mãe não passa de uma «chantagista».

O caso entregue á justiça promete demorar dada a grande afeição de Sessue pela criança e a sua pouca vontade de decidir-se a deixá-la facilmente e sem que a justiça assim o exija. O caso é embrulhado, porque, atendendo-se mesmo à legitimidade da artista do Teatro de Baltimore é necessário conhecer-se a razão porque ela abandonou o filho. E a justiça americana é muito capaz de desfavorece-la sob o pretexto de que ela se mostrou indigna duma mãe».

O mais interessante é que há quem diga com um certo fundamento que Sessue Hayakawa é o pai legítimo da sua filha adoptiva.

Eis o que a constatar-se não deve ser lá muito agradável para Tsuru Aoki...

Reporter Cine.

Chamamos a atenção dos nossos leitores para o grande filme «A Tragedia da Mina» que na proxima semana se exhibe no Trindade.

«A Tragedia da Mina» é um filme H. da Costa.



DANSA

Ensino teórico e
prático

Peixoto Guimarães

Rua Mártires da Liberdade, 240

PORTO

Os músicos no cinema

(CONCLUSÃO)

santes. Não me esqueço de lhe mandar o retrato.

No cartão que nos entregou, lemos:

José M. Lucchesi

Rue de Trevisé, 9—Paris.

Nesta altura ainda o nosso amigo Gaspar Cabral conversava com Madame Lucchesi sobre a venda dos discos de seu marido.

A maneira amável como o maestro se furtara ao nosso interrogatório desanimou-nos, pois nada colhíamos do propósito desejado.

Mas não nos demos por vencidos. A persistência, às vezes, faz vencer. Arriscamos novas perguntas, como se as mesmas não se revestissem de qualquer interesse aproveitável. Era um estratagemma que podia surtir efeito. Em vão!

A perspicácia do maestro vence completamente a nossa argúcia.

Eram horas de jantar. O maestro e madame despediram-se, prometendo-nos mais uma vez, de que nos escreveria a contar muitas coisas interessantes...

De facto o maestro Lucchesi não se esqueceu da promessa, pois acabamos de receber um postal enviando-nos cumprimentos anunciando que em breve nos escreveria longamente.

TOMAZ D'ALENCAR.

A Pista dos Gigantes

(CONCLUSÃO)

Passaram-se semanas. Denise tinha visto elevar-se as casas dos seus sonhos, e a sua famíliazinha poderia viver feliz nela. Mas voltaria Pedro Colmain? Até o velho Pépin falava em deixar o vale para ir até a Califórnia donde lhe roubavam as raparigas morenas e ardentes.

Uma manhã, nas alturas, retiniu um grito selvagem. Pépin já não precisava de partir para a Califórnia. Reconhecia aquêlo apêlo. Colmain tinha vencido, corrido os seus inimigos através da neve e do gêlo. Lopez morrera na estrada, cobardemente abandonado por Flak. Mas o bandido não foi mais longe; com a sua navalha que manejava com uma destrêsa infernal, Pedro estendeu-o sobre a neve. Flak pagára tudo. Sob a cópa das grandes árvores Pedro contava a Denise as suas aventuras:

—Minha querida, a minha vida é agora para ti. Queres que unamos as nossas existências, que vivamos aqui, neste vale que conquistamos com os nossos amigos?...

E Denise para resposta estendeu o seu rosto feliz para o beijar como noivo.

Um nobre amor nascido no decorrer duma prodigiosa aventura decorrida sobre um tam vasto território ia atingir o seu fim, enquanto que outras famílias viviam e cresciam sob o olhar de Deus, fundando a grande raça americana e tendo calcado para a eternidade: «A Pista dos Gigantes».

LUCIE DERAÏN.

A propósito de "Inspiração,"

Como já devem saber, pouco após a apresentação na europa do filme «Inspiração, com Greta Garbo, a Metro-Goldwyn-Mayer foi acusada de ter plagiado o argumento da célebre obra de Alphonse Daudet: «Sapho».

A «Agence d'Information cinégraphique» diz a êste respeito, no seu último número:

«Asseguram-nos que êste plágio fôra deliberadamente perpetrado pela M. G. M. A secção

dos cenários da referida empresa em Hollywood trabalhou abertamente, diz-se, segundo o romance de Daudet. Talvez que os senhores Ives Mirande e Jacques Deval, que passam por ter participado no «decoupage» de «Inspiração» possam dar úteis esclarecimentos a Alfred Bloch que, como se sabe, defende, neste assunto, os interesses da viuva do grande escritor».

Se na verdade se trata dum plágio—e todos os que leram o livro o poderão verificar indo ver o filme ao Aguiá d'Ouro—concordamos que não é o primeiro... nem será o último.

BONUS

Oferecido aos leitores da INVICTA CINE pelas Ex.^{mas} Empresas dos Cinemas:

AGUIA D'OURO

50 % de desconto em todos os lugares na matinée do dia 19 de Março de 1932.

PASSOS MANUEL

50 % de desconto em todos os lugares na matinée do dia 17 de Março de 1932.

OLYMPIA

50 % de desconto em todos os lugares nas matinées dos dias 17 ou 19 de Março de 1932.

ODEON

50 % de desconto nos lugares de Fauteuilles e Balcão no dia 19 de Março de 1932.



AGUIA D'OURO

estreia na próxima 2.ª feira
o super-filme de incomparável
beleza como raramente o ci-
nema nos apresenta

A Pista dos Gigantes

Colossal epopeia da caravana que
em 1830 partiu à conquista do Oeste
americano

Uma grande produção da FOX
dirigida por Raoul Walsh
e interpretada por Jeanne Helbling,
Gaston Glass, Louis Mercier, Emile
Chantard, El Brandel, etc.

Paisagens maravilhosas e ineditas
Milhares de figurantes.

Entre os grandes filmes que
Castelo Lopes, L.^{da}

apresenta esta época
no Porto, destacam-se:

O MISTERIO DA CASA FORTE - com: Dary Holm
e Harry Piel

com: Alice Cocéa e
André Roane - **A VIRTUDE DE NICOLE**

A CORRIDA PARA A LUA - com: Bébé Daniels e
Douglas Fairbanks

com: Janine Guise e
Roger Trévile - **NOITES DE VENEZA**

O REI DA BANDA - com: o famoso comico
Georges Milton

com: Jean Harlow
e Ben Lyon - **OS ANJOS DO INFERNO**

UMA MULHER NO PARAISO - com a encantadora
Anny Ondra

com: Mary Pickford e
Douglas Fairbanks. - **A FERA AMANSADA**

A MULHER DE UMA NOITE - com: Francesca Ber-
tini e Jean Murat.